

A DINÂMICA MIGRATÓRIA NA (TRANS) FORMAÇÃO TERRITORIAL DO SUDOESTE PARANAENSE

Marcos Leandro Mondardo*
Thaine Regina Backes**

Resumo: O Sudoeste do Paraná é uma região singular quanto à sua dinâmica populacional. Até 1900 sua população era pouco numerosa, basicamente formada por caboclos. A partir de 1920, no Rio Grande do Sul, ocorre uma crise pela fragmentação das pequenas propriedades, o que vai gerar um excedente populacional agrícola. Com a Criação da Colônia Agrícola General Osório (CANGO), em meados 1940 desloca-se um fluxo populacional gaúcho, constituído por indivíduos de origem italiana e alemã, que se deslocam para o Sudoeste do Paraná, formando pequenas propriedades de agricultura familiar. Por volta de 1970 o Sudoeste passa por transformações intensas na sua estrutura econômica e social, onde a modernização da agricultura resulta em um êxodo rural. Deslocando populações em direção aos estados de Mato Grosso, Rondônia, e até outros países como o Paraguai. Ocorre também a emigração no próprio sudoeste do Paraná, sendo que a população continua migrando e transformando a região.

Palavras Chave: Imigrações; Emigrações; Transformações territoriais.

Abstract: The Southwest of the Paraná, is a singular region how much to its population dynamics. Up to 1900 its population was little numerous, basically formed for caboclos. From 1920, in the Rio Grande Do Sul, a crisis for the spalling of the small properties occurs, o that it goes to generate agricultural a population excess. With the Creation of the Agricultural Colony General Osório (CANGO), in middle 1940 a population flow dislocates itself gaúcho, consisting of individuals of Italian and German origin, that if dislocates for the Southwest of the Paraná, forming small properties of familiar agriculture. For 1970 return the Southwest passed for intense transformations in its economic and social structure, where the modernization of agriculture results in an agricultural exodus. Dislocating populations in direction to the states of Mato Grosso, Rondônia, and until other countries as Paraguay. The emigration in the proper southwest of the Paraná also

occurs, being that the population continues migrating and transforming the region.

Key Words: Imigrations; Emigrations; Territorial transformations

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar a dinâmica migratória na formação territorial do sudoeste paranaense, pois este elemento foi, e é, a um só tempo, elemento importante na formação territorial sudoestina ao longo de sua evolução histórica. Outro elemento importante e de característica mais recente, é a urbanização do sudoeste paranaense, que será abordado de forma introdutória em nossa análise sobre a formação sudoestina, pois se vincula ao processo migratório da região em apreço.

Neste contexto, as migrações internas têm desempenhado um papel importante na evolução dos contingentes populacionais no Sudoeste paranaense e na configuração da sua dinâmica demográfica. Mas, sua importância vai muito além. Ora funcionando como mola propulsora do processo de interiorização e alargamento da fronteira rural, ora revertendo esse processo e redesenhando o perfil e distribuição espacial da população no território. Os movimentos migratórios no sudoeste do Paraná, constituem a face aparente de transformações profundas operadas na estrutura da economia e da sociedade do Sudoeste do Estado, e que se vinculam aos processos globais da expansão capitalista no território brasileiro (MAGALHÃES, 1996, p. 02).

No Sudoeste do Paraná, esta (trans)formação ocorre na maioria das vezes ligada à modernização tecnológica das atividades agrícolas ditadas pelo processo hegemônico de acumulação capitalista do setor industrial brasileiro, que introduz transformações substantivas na estrutura produtiva da agricultura paranaense e detona um intenso êxodo rural nesta região sudoestina do Paraná.

A seguir, demonstra-se a formação territorial do sudoeste paranaense, vinculados à *dinâmica migratória* (i/emigração), e este é estruturado de acordo com a evolução histórica do sudoeste paranaense, desde sua formação populacional (1900), até o ano de 2000. Outro fator importante que será abordado de forma introdutória é a *urbanização* do sudoeste paranaense, pois este processo se liga à dinâmica migratória da região sudoestina.

2. A FORMAÇÃO TERRITORIAL DO SUDOESTE DO PARANÁ E A MIGRAÇÃO

O Sudoeste do Paraná [1] é uma região singular quanto à sua dinâmica populacional, quando atentamos o olhar para sua formação histórica. Até o final do primeiro terço do século

XX a população paranaense era pouco numerosa. A maior proporção do contingente demográfico residia em áreas rurais, e vinculava-se economicamente às atividades de extração da erva-mate, da madeira e à pecuária extensiva, além da produção para autoconsumo (MAGALHÃES, 1996, p. 01).

O povoamento da região Sudoeste realizou-se em dois movimentos migratórios distintos. O primeiro teve início, de acordo com Abramovay (1981, p. 10), por volta de 1824, e se prolongou mais ou menos até 1940. Tratava-se de iniciativas dos governos estaduais e federais, visando firmar a posse territorial. Desenvolveu-se aí, neste período, uma economia madeireira complementada por uma pecuária extensiva, atividades que, por sua própria natureza, não favoreciam o aumento rápido da densidade populacional. De modo que esta população, por falta de recursos básicos, não fixou contingentes populacionais expressivos nesta região (SOUZA, 1980, p. 61).

O segundo movimento migratório que determinou, em menos de 20 anos, o surgimento de diversas cidades no Sudoeste paranaense, teve seu auge em 1952/1956. Este fluxo originava-se do Rio Grande do Sul [2] e, economicamente, se caracterizou pelas atividades de subsistência em pequenas propriedades de natureza familiar (SOUZA, 1980, p. 61).

Até 1900, o Sudoeste paranaense, de Mariópolis até a fronteira com a Argentina, era um vazio demográfico, com uma população inferior a 3.000 habitantes (FERES, 1990). Abramovay (1981, p. 9), afirma que, “a maior parte desta população era formada de migrantes. Poucos foram os que nasceram da própria região”. Os caboclos [3] foram os que iniciaram o povoamento do Sudoeste Paranaense. Estes vieram de pontos distintos; vários deles eram antigos “agregados” de fazendas de gado dos Campos de Palmas. A mão-de-obra empregada nestas fazendas era relativamente escassa, ou seja, não requeria muitos indivíduos trabalhando nas mesmas. Parte desta população que o “sistema do latifúndio não mais comportava” foi ocupar o Sudoeste Paranaense.

Até 1920, a região Sudoeste do Paraná recebeu migrantes de origem luso-gaúcha, provenientes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Tratava-se, basicamente, de trabalhadores de fazendas, que vinham em busca de terras para sobreviver. Esse fluxo migratório inicial contribuiu, sobremaneira, para o aumento da população que, em 1920, atinge cerca de 6.000 habitantes.

De acordo com Magalhães (1996), o período entre os anos de 1930 a 1940, é marcado por um intenso e acelerado processo imigratório de expressivos contingentes populacionais provenientes de outras regiões do País. Em apenas três décadas (1930 a 1950), ocorre uma ocupação do território em um impressionante movimento de expansão e consolidação da fronteira agrícola sudoestina. Em paralelo ao crescimento da população rural verificado neste período, articula-se a proliferação e expansão de muitos núcleos urbanos, que nasciam para dar suporte as atividades agrícolas crescentes.

Em 1943, toda a área da região Sudoeste foi integrada ao efêmero Território Federal do Iguacu, criado por Getúlio Vargas, em sua tentativa de ocupar, efetivamente, a chamada faixa de fronteira, através da colonização por pioneiros recrutados no Rio Grande do Sul, e com a instalação da CANGO [4] que era encarregada de organizar a distribuição gratuita de terras devolutas aos colonos, bem como distribuir ajuda técnica aos colonos proprietários (FERES, 1990, p. 496).

Essa iniciativa colonizadora atraiu grandes contingentes de produtores gaúchos e catarinenses. No início dos anos de 1950 a maior parte dos loteamentos públicos ou privados do Sudoeste do Estado havia sido comercializada.

Conseqüentemente, na primeira metade dos anos de 1950, ocorre à chegada de grande fluxo de migrantes vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, sendo que a ocupação, ocorreu sem nenhum choque com os posseiros caboclos, habitantes que então predominavam na região. Segundo Wachowicz (1988, p. 214), “a população explodiu de 476 famílias em 1947, subindo para 2725 em 1956”.

De acordo com Abramovay (1981, p. 23), “a atual população do Sudoeste Paranaense foi formada num êxodo que, vindo de Santa Catarina e, sobretudo do Rio Grande do Sul atingia entre 1952 e 1955, 30 a 40 mudanças por dia”. E, Wachowicz (1988, p. 216), reitera que, “cada dia entravam de 10 a 20 famílias só em Francisco Beltrão”.

Portanto, o movimento migratório começou a crescer nas décadas de 1950 e 1960. A escassez de terras no Rio Grande do Sul fez com que os imigrantes reduzissem o peso demográfico sobre a área esgotada, vendendo as suas terras e encorajando-se a se reproduzir em outra fronteira. Francisco Beltrão, em 1948, contava com uma população de 2.529 pessoas, cujo fluxo de migrantes era muito maior que a capacidade de atendimento da CANGO. Já em 1950, a Colônia contava com 7.147 pessoas, enquanto que a região sudoestina já totalizava 76.373 habitantes (FERES, 1990, p. 498).

Segundo o referido autor, o fluxo de migrantes continuava a aumentar, pois em 1960 a região sudoestina, em sua totalidade, já contava com 230.379 habitantes, com 59% dessa população (119.787 pessoas) na área rural.

Para se ter uma noção da intensidade deste fluxo migratório, a população do Sudoeste passou de 76.376 habitantes, em 1950, para 230.379 habitantes, em 1960. A taxa de crescimento populacional no Brasil, nessa mesma época, era de 3,12%; a do estado do Paraná de 7,23% e a do Sudoeste de 12,4% (FERES, 1990).

Em 1950, existiam dois municípios na região (Clevelândia e Mangueirinha) e dois distritos (Pato Branco e Chopinzinho); já em 1960, existiam 8 municípios e 7 distritos. Em 1970, são 24 os municípios sudoestinos.

Deste modo, através deste crescimento populacional da região, a influência da cultura e etnia dos italianos, alemães e poloneses, nesse processo foi imensa. E o caboclo, basicamente, se diluiu com suas raízes, práticas econômicas e traços culturais.

Abramovay (1981) caracteriza esta fase inicial da colonização dirigida e da chegada espontânea e maciça de colonos como o momento típico da revolução agrícola, que passa do sistema livre e coletivo da floresta ao regime da propriedade cercada e delimitada.

O Sudoeste do Paraná, nesse contexto, tornou-se um exemplo de um processo de ocupação e transformação territorial, impulsionada pela migração, através da criação e da rápida institucionalização dos núcleos populacionais em municípios, distritos e comarcas, assim como, através da implantação rápida, da rede de serviços urbanos básicos.

Outro fator importante é apontado por Mondardo (2005, p. 133), é intervenção do Estado neste processo. O Estado do Paraná e o Governo Federal, por sua vez, para habitar/colonizar esta região (Sudoeste do Paraná), faziam propagandas, onde divulgavam os preços baixos das terras e exaltavam o alto índice de fertilidade das mesmas para atrair os migrantes, somada ao grande potencial madeireiro. Isso fazia com que a região fosse um território atrativo para esta mobilidade migratória.

Para Magalhães (1996, p. 23), a integração e dinamização do Sudoeste, teve início nos últimos anos da década de 1950, com os primeiros esforços para a implantação de um sistema viário que, conjugado à capacidade técnica dos produtores e à boa qualidade dos solos, viabilizou e impulsionou a produção de excedentes para comercialização. Aos poucos a renda monetária da população foi se elevando, o mercado se ampliando, o comércio se expandindo. Novos capitais correram à região e grandes propriedades agrícolas se formaram, principalmente em áreas ainda não ocupadas. Cidades proliferaram por todo o território, a um ritmo rápido.

Tanto assim que, dos 63 municípios [5] que constituem a região Sudoeste do Paraná em 1970, 14 obtiveram sua autonomia na década de 1950, e 43 no decênio seguinte. Antes do grande fluxo populacional ocorrido nas duas últimas décadas (1950 e 1960), oriundo, sobretudo, do Rio Grande do Sul, o Sudoeste contava apenas com 6 cidades autônomas (MAGALHÃES, 1996, p. 23).

Assim, podemos perceber que a chegada destes migrantes catarinenses e riograndenses, faz com que a região seja colonizada efetivamente. De acordo com Wachowicz (1987), até o ano de 1975, em alguns municípios do sudoeste paranaense, a população riograndense chegava a um contingente de até mais de 60% de sua população total, dentre os quais podemos destacar os municípios de Planalto, Capanema, Pranchita e Santo Antônio do Sudoeste. Já os municípios de Realeza e Ampére, estavam com uma população riograndense entre 50 a 60%. Outros municípios importantes do Sudoeste paranaense, tais como, Francisco Beltrão, Pato Branco, Coronel Vivida e Chopinzinho, tinham entre 20 a 40% de sua população vinda do Rio Grande do Sul.

Também podemos perceber neste período (até 1975), a presença maciça de indivíduos catarinenses em território sudoestino. Os municípios com maior número de indivíduos catarinenses são, São Jorge do Oeste, Nova Prata do Iguacu e Salto do Lontra, que tinham de 40 a 50% de catarinenses. Já os municípios de Francisco Beltrão, Chopinzinho, Coronel Vivida,

Pato Branco, Itapejara do Oeste, São João, Dois Vizinhos, Realeza, Santa Isabel do Oeste e Verê, tinham uma população de 20 a 40% de catarinenses em sua população total. Outros municípios como Capanema, Pranchita, Santo Antônio do Sudoeste, Barracão, Renascença e Vitorino, detinham um contingente de 10 a 20% de catarinenses em sua população total (WACHOWICZ, 1987).

Paralelamente a este aumento populacional ocasionado pela migração riograndense e Catarinense, o Paraná bem como o Sudoeste do Estado, na década de 1970, passa por transformações intensas em suas estruturas econômicas e sociais, com repercussões profundas sobre diversos aspectos da configuração espacial. Um dos reflexos mais evidentes dessas transformações consiste na espetacular reversão da tendência de crescimento populacional observada até então.

Assim, em 1970, com a redução das terras devolutas no Sudoeste, esta região revela outra face do processo migratório; a emigração dos colonos para outras frentes de ocupação.

No Estado do Rio Grande do Sul, o movimento migratório dos camponeses italianos e alemães vindos de seus respectivos países de origem (aproximadamente ano de 1800), levou, algumas gerações após sua chegada ao Brasil, a um fluxo em direção ao Sudoeste Paranaense, por volta de 1950. E, trinta anos depois (1970), no Sudoeste paranaense, o movimento se repete, tendo agora em Rondônia a sua nova frente pela busca da terra prometida. De acordo com o censo de 1980, o Paraná foi o Estado que mais exportou contingentes populacionais e Rondônia o que mais recebeu, o que revelam um recente êxodo. A Amazônia Legal reedita o Paraná dos anos de 1950, com sua velha corte de grileiros, jagunços e corrupção que o agricultor tem que enfrentar para sobreviver (ABRAMOVAY, 1981, p. 24).

Em 1970, com a modernização da agricultura, e a necessidade do agricultor em obter crédito para compra de novos insumos, deixa o mesmo endividado com os bancos, os quais cobram taxas de juros que o pequeno agricultor (característica do Sudoeste paranaense), não conseguia pagar. Por isso, muitas vezes viu-se obrigado a vender sua propriedade, migrando para as áreas urbanas do Sudoeste e de outras regiões do Estado, e também, para outros estados ou até mesmo outros países, principalmente o Paraguai.

Na década de 1970, em termos líquidos, nada menos do que 2,7 milhões de pessoas deixaram de residir no meio rural paranaense. Deste saldo, cerca da metade foi absorvido pela área urbana do próprio Estado. O restante constituiu a perda populacional para além das fronteiras estaduais (MAGALHÃES, 1996, p. 45).

De acordo com Martine apud Magalhães (1996, p. 34), isso ocorre, porque a agricultura, por sua vez, passou a ser incorporada mais estreitamente ao processo de acumulação capital industrial e financeiro encontrando novas formas de realização dentro da agricultura.

Dessa forma, a intensa disseminação do emprego de tecnologias avançadas, associada às modificações na pauta de produtos, com a espetacular ascensão da soja ao topo da produção, são também alguns elementos fundamentais, ainda que não suficientes, para a compreensão das transformações da agricultura paranaense nos anos 1970. Assim, o modelo de desenvolvimento

econômico em pauta traria vários desdobramentos para as populações do Sudoeste, o “quadro” social da região é profundamente transformado pelo recente padrão produtivo implantado, pautado essencialmente na adoção de relações econômicas mercantis.

Um elemento importante neste processo é o aumento populacional do sudoeste, o qual pode ser visualizado na Tabela 01, que apresenta a população total e a evolução da população urbana e rural do Sudoeste do Paraná, a partir de 1970, em número de habitantes.

TABELA 1 - População Total e Rural e Urbana no Sudoeste do Paraná 1970/1980/1991/2000.

SUDOESTE DO PARANÁ - POPULAÇÃO RESIDENTE											
POPULAÇÃO TOTAL				POPULAÇÃO URBANA				POPULAÇÃO RURAL			
1970	1980	1991	2000	1970	1980	1991	2000	1970	1980	1991	2000
446.360	531.249	478.126	472.626	80.157	166.906	225.666	283.044	366.203	354.343	252.460	189.582

Fonte: IBGE – Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000.

Os dados da Tabela 1 mostram o processo de inversão de população rural para urbana que foi ocorrendo durante os anos no Sudoeste do Paraná. Isto pode ser explicado, pelo papel da modernização agrícola, da diminuição de terras “devolutas”, com a busca de novas frentes de colonização (Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Amazônia e Paraguai), e também a migração rural-urbana para os bairros dos próprios Municípios do Sudoeste. Quanto ao aumento da população urbana, fatores de influência são; empresas que se instalam nas cidades, a influência da construção civil, pelas quais agricultores endividados migram do campo e viram assalariados urbanos. Obviamente o crescimento vinculado à indústria, à habitação das populações, à educação, saúde, lazer etc., representou uma expansão considerável em termos da divisão social do trabalho, logo, de atração de pessoas para as cidades.

Posteriormente, a década de 1980 se apresenta com um maior estímulo à colonização do Mato Grosso e de Rondônia, reforçado pelas campanhas publicitárias e agências imobiliárias e das cooperativas, atraindo o agricultor a migrar para áreas onde sua produção exija menos investimentos.

Outro fator importante na década de 1980, é que se acenaria um cenário de esgotamento das possibilidades de acesso à terra, ainda que em condições precárias, e outros graves e decisivos condicionantes, naquelas áreas consideradas receptoras de população (fronteiras agrícolas), isso contribuiu para interromper o fluxo de emigração do Paraná, por exemplo, também em direção ao Paraguai a partir de meados da década de 1980. Não só se deu um inter-rompimento da emigração, como também deflagrou um movimento de retorno dos brasiguaios nesse período, ao que tudo indica.

Para se ter noção, no Sudoeste do Paraná, entre 1986/91, o número de imigrantes foi 12.862, enquanto que emigrantes foram 14.686, sendo de natureza intra-estaduais. (KLEINKE, *et al*, 1999, p. 191). “Essa emigração caracteriza-se por forte predomínio em direção ao urbano,

prevalecendo os fluxos de origem e destino urbano, seguido dos fluxos de origem rural e destinos urbanos” (KLEINKE, et al, 1999, p. 193).

Para a região Sudoeste paranaense, o esgotamento de oportunidades é visível, uma vez que são áreas de evasão antigas e não atraem sequer fluxos das proximidades. O resultado da contínua emigração é (no contexto das transformações modernizantes), definido por dificuldades de intensificação/modernização agrícola da pequena produção e conseqüentemente empobrecimento da população, o que implica forte evasão rural (KLEINKE, et al, 1999, p. 197).

No Sudoeste paranaense também ocorre este processo migratório inter-estadual no período mais atual. Através da Tabela 2, podemos perceber o grande número de imigrantes que chegam, e emigrantes que saem da região, e as conseqüentes trocas líquidas populacionais.

TABELA 2 - Movimento Migratório Inter-estadual no Sudoeste do Paraná (1991).*

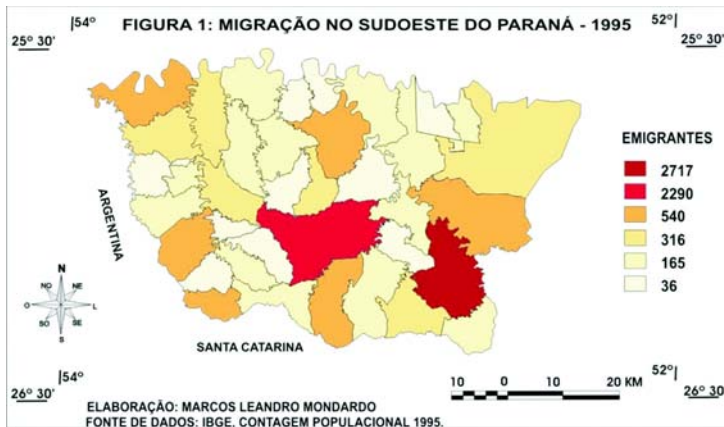
Mesorregião	Imigrantes	Emigrantes	Trocas Líquidas
Sudoeste do Paraná	12.862	32.860	-19.998

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991.

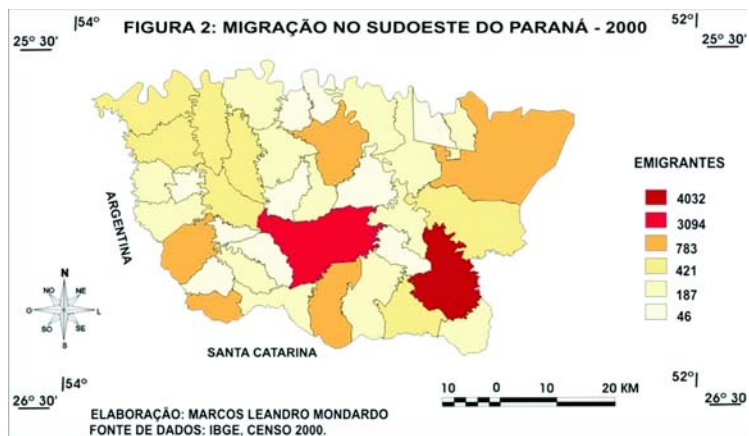
* Foram consideradas apenas pessoas acima de 5 anos de idade.

Assim, pode-se perceber que no ano de 1991, na região Sudoeste do Paraná o número de indivíduos que emigram para outras regiões é quase três vezes maior do que em relação aos imigrantes que chegam. Entendemos que a emigração em questão se explica por vários fatores tais como: a busca por melhores condições de vida e emprego, atraídas pelos centros urbanos maiores. Outro aspecto é que tal fenômeno é conseqüência da modernização do campo no Sudoeste, a qual impele o deslocamento das populações para outros lugares maiores, mediante a crença de que apresentam melhores chances para sua sobrevivência.

Avançando essa nossa análise para um período mais recente, percebe-se que o censo de 1995 e 2000 do IBGE continua destacando a migração no Sudoeste do Paraná como característica dos municípios (ver figura 1), a exemplo dos mais populosos, Pato Branco e Francisco Beltrão. Um dos fatos mais marcantes continua sendo a dos contingentes emigratórios. Em Pato Branco, o número de emigrantes fica entre 2717. Já em Francisco Beltrão, o número de emigrantes atinge 2290. Contudo, cabe ressaltar que estes emigrantes se deslocam tanto para morar em outros municípios da própria região sudoestina do Paraná, quanto para outras regiões. Esta emigração ocorre, segundo o IBGE, por motivos de estudo e trabalho principalmente.



Já no ano de 2000, pode-se perceber que a migração se acentua ainda mais em relação ao ano de 1995. O município de Pato Branco atinge um número de emigrantes de 4032, e, Francisco Beltrão, 3094 emigrantes. Também observa-se que, no geral, a maioria dos municípios do Sudoeste aumenta o número de emigrantes em relação ao ano de 1995 (Figura 2).



De acordo com Martine (1994, p. 12), isso acontece no Sudoeste do Paraná em função da terceirização rural promovida pelas indústrias do frango/ovos de Santa Catarina ou do fumo do Rio Grande do Sul, que estão cada vez mais comprando terras, e conseqüentemente expulsando trabalhadores do campo para outros centros. Estas influenciam o setor rural com implementação de monoculturas, principalmente a soja, e a criação de gado; e, não podemos esquecer, também com a concentração dos agricultores na produção de frango para empresas como a Sadia S/A e Galinha Azul Avícola Ltda. Já na zona urbana, as migrações ocorrem, como já mencionado

anteriormente, pela mobilidade de pessoas que emigram por motivos de trabalho e estudo, entre outros.

Uma característica importante desta migração a ser ressaltada, é a urbanização dos municípios do Sudoeste do Paraná. De acordo com o censo demográfico do IBGE, no ano de 2000, dos 37 municípios que compõem a região, 18 municípios apresentavam mais de 50% de grau de urbanização. Estes são respectivamente, Pato Branco com 91.28%, Francisco Beltrão com 81.68%, Dois Vizinhos com 69.97%, Ampére com 66.59%, Coronel Vivida com 63.21%, Barracão com 62.83%, Mariópolis com 62.67%, Realeza com 62.1%, Santo Antônio Do Sudoeste com 60.51%, Itapejara Do Oeste com 54.15%, Marmeleiro com 52.46%, São João com 51.65%, Chopinzinho com 51.25%, Nova Prata Do Iguçu com 51.08%, Capanema com 51.05%, Vitorino com 50.76% e Cruzeiro Do Iguçu com 50.39%. Já os municípios que apresentam urbanização inferior a 50% são 19. O município que merece destaque nesta classe inferior a 50% é, Bom Jesus do Sul, que no ano de 2000 tinha 9.2% de grau de urbanização, sendo o município menos urbanizado do sudoeste paranaense neste ano.

Assim, pode-se perceber que praticamente metade dos municípios do sudoeste paranaense está, em um grau de urbanização acima de 50%, o que demonstra uma migração de origem rural marcante de anos anteriores que se desloca para centros urbanos pólos do sudoeste paranaense (Francisco Beltrão e Pato Branco), como também este deslocamento populacional acontece para outros centros, de outras regiões do Estado, como também para além das fronteiras, estaduais e até nacionais.

Sem dúvida, umas das características mais importantes do processo migratório no sudoeste paranaense nas décadas mais recentes associam-se às tendências de expansão da urbanização do Estado do Paraná e às mudanças no seu padrão. Na fase de ocupação populacional mais acelerada do Paraná, e que se estende até a década de 1960, pode-se afirmar com segurança que predominava a migração interestadual de entrada sobre os movimentos internos e em ambas as situações, os deslocamentos privilegiavam o destino rural.

A década de 1970 vai estabelecer um novo marco nesse processo, uma vez que o ritmo e a forma da urbanização passam a ser definidos pela quebra da hegemonia da economia agrícola, com o setor industrial assumindo paulatinamente o papel dinamizador no processo de modernização das atividades produtivas, redefinindo a distribuição espacial da população (MAGALHÃES, 1996, p. 78).

Nesse ponto, é preciso lembrar que as principais características do processo de urbanização do Paraná não diferem da tendência mais geral verificada no Brasil nos últimos sessenta anos. Santos (1996, p. 29), afirma que, entre 1940 e 1980, dá-se verdadeiramente inversão quanto ao lugar de residência da população brasileira. Em 1940, a taxa de urbanização era de 26,35%, em 1980 alcança 68,86%. Nesses quarenta anos, triplica a população total do Brasil, ao passo que a população urbana se multiplica por sete vezes e meia. Em 1985, a população urbana brasileira passa dos 77%, ficando quase igual à população total de 1980.

O que imprime singularidade ao Paraná é a rapidez e intensidade com que as transformações se operam. Em apenas duas décadas (1970-80), o grau de urbanização do Estado salta de 36% para 73%, e a malha urbana adquire um perfil mais complexo de funcionamento, hierarquização e estrutura.

Desse modo, progressivamente, sob condicionantes dos mais diversos, a formação de grandes fluxos emigratórios do meio rural provoca a redistribuição espacial da população, resultando na urbanização. O que confere singularidade à dinâmica populacional do Sudoeste, nesse contexto, é a velocidade e a intensidade com que tal processo se concretiza.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das décadas, o Sudoeste do Paraná, em sua formação territorial, fundamentou-se a partir das práticas e da (re)territorialização do modo de vida dos colonos sulistas.

Em síntese, as transformações ocorridas no Sudoeste, surgem mais efetivamente, sob o foco da dinâmica migratória, a partir do esgotamento do ciclo agro-exportador no âmbito estadual, a reinserção da economia sudoestina ao movimento mais amplo de desenvolvimento paranaense. Agora sob o comando do capital industrial, que gera profundas e rápidas alterações na estrutura sócio-econômica do Sudoeste, com repercussões decisivas sobre a dinâmica do crescimento populacional.

Se em apenas três décadas o Sudoeste assistiu à entrada maciça de grandes fluxos imigratórios consolidando a ocupação integral do território, a partir dos anos 70 o processo inverte-se rapidamente, passando a região a expulsar população rural a um ritmo acelerado.

A parcela desses fluxos populacionais que permanece no Sudoeste acelera a tendência à urbanização e provoca a concentração populacional em centros urbanos que se tornam assim maiores (como os Municípios de Francisco Beltrão, Pato Branco e Dois Vizinhos). Os que não encontram espaço para sobrevivência no Sudoeste conformam fluxos migratórios que vão para outras regiões do Estado, ou atravessam fronteiras estaduais ou mesmo de outros países, em busca de nova vida, novos sonhos e oportunidades.

De qualquer modo, a migração continua elemento presente no Sudoeste Paranaense, bem como transformador da região. Se os motivos desta migração mudam com a transformação histórica da sociedade, porém a mobilidade populacional sempre esteve presente em sua configuração espacial. E tende a continuar, pois com a modernização de certas áreas no Sudoeste, estas acabam atraindo atraindo e expulsando muitos migrantes.

4. NOTAS:

*Bacharel em Geografia, e acadêmico do 5º Ano de Licenciatura em Geografia pela UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná / Campus Francisco Beltrão – Rua Maringá, 1200, Francisco Beltrão (PR), CEP 85.605.010. marcosmondardo@yahoo.com.br - Fone: (46) 99121210.

** Bacharel em Geografia, e acadêmica do 5º Ano de Licenciatura em Geografia pela UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná / Campus Francisco Beltrão – Rua Maringá, 1200, Francisco Beltrão (PR), CEP 85.605.010. thaineregina@yahoo.com.br - Fone: (46) 99740546.

1 Fazem parte do Sudoeste do Paraná, segundo a classificação do IBGE (2002), os municípios de Francisco Beltrão, Pato Branco, Dois Vizinhos, Coronel Vivida, Chopinzinho, Santo Antonio do Sudoeste, Capanema, Ampére, Realeza, Planalto, Marmeleiro, Salto do Lontra, Santa Izabel do Oeste, São João, Nova Prata do Iguaçú, Itapejara do Oeste, Barracão, São Jorge do Oeste, Verê, Pérola do Oeste, Renascer, Vitorino, Mariópolis, Enéas Marques, Nova Esperança do Sudoeste, Flor da Serra do Sul, Salgado Filho, Saudades do Iguaçú, Bela Vista da Caroba, Cruzeiro do Iguaçú, Bom Jesus do Sul, Manfrinópolis, Sulina, Bom Sucesso do Sul, Boa Esperança do Iguaçú e Pinhal de São Bento.

2 Os motivos que acarretaram a emigração do Rio Grande do Sul foram dois. Os fatores principais foram; a fragmentação das pequenas propriedades resultante da herança familiar e da pressão demográfica sobre a estrutura fundiária. E, segundo, a crise da indústria gaúcha incapaz de absorver a mão-de-obra oriunda da zona rural (SOUZA, 1980, p. 61).

3 É importante sublinhar que o caboclo, no Sudoeste do Paraná, não precisava ser necessariamente, descendente de índios. Para o indivíduo ser classificado como caboclo, precisava apenas ser criado no sertão. Além disso, o mesmo não podia ter pele clara, já que a ele se atribuía uma cor mais ou menos escura (WACHOWICZ, 1987, p. 85).

4 Colônia Agrícola Nacional General Osório, criada em 1943, pelo Presidente Getúlio Vargas.

5 Nesse momento histórico o Sudoeste e Oeste paranaense eram compreendidos como uma só região do Estado, e por isso esta região apresentava este número elevado de municípios.

5. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Transformações na vida camponesa: o Sudoeste paranaense**. São Paulo, 1981. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) USP.

FERES, João Bosco. **Propriedade da terra, opressão e miséria: o meio rural na história social do Brasil**. Amsterdam: CEDLA, 1990.

IBGE. *Censo demográfico – Paraná – 1970*. Rio de Janeiro: IBGE, 1973. v. 1 – Tomo 19.

_____. **Censo agropecuário – Paraná – 1970**. Rio de Janeiro: IBGE, 1975. v. 3 – Tomo 19.

_____. **Censo agropecuário – Paraná – 1975**. Rio de Janeiro: IBGE, 1979. v. 1 – Tomo 18.

_____. **Censo agropecuário – Paraná – 1980**. Rio de Janeiro: IBGE, 1983. v. 2 – Tomo 3.

_____. **Censo demográfico – Paraná – 1980**. Rio de Janeiro: IBGE, 1983. v. 1 – T. 4, 5 e 6.

_____. **Censo demográfico – Paraná – 1991**. Rio de Janeiro: IBGE, 1996. N° 20.

_____. **Censo demográfico – Paraná – 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2001. (CD ROM).

_____. **Censo demográfico – Paraná – 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. (CD ROM).

_____. **Censo demográfico – Paraná – 1960**. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. v. 1. Tomo 14.

_____. **Contagem Populacional – Paraná – 1995**.

_____. **Contagem Populacional – Paraná – 1996**.

_____. **Classificação dos Municípios do Sudoeste do Paraná - 2002**.

KLEINKE, Maria de L. U. DESCHAMPS, M. MOURA, R. **Movimento migratório no Paraná (1986-91 e 1991-96):** origens distintas e destinos convergentes. Anais do 2º Encontro Nacional Sobre Migração - Perspectivas regionais da dinâmica migratória no Brasil. Ouro Preto, 1999. Disponível em <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/2ENcNacSobreMigracao/Anais2ENSMgracaoOuroPreto1999p187a228.pdf>> Acesso em: 26 jan 2006.

LAZIER, Hermógenes. **Paraná: terras de todas as gentes e de muita história**. 2ª ed. Francisco Beltrão: Grafitec, 2004.

LAZIER, Hermógenes. **Análise histórica da posse de terra no sudoeste paranaense**. 3ª ed. Francisco Beltrão: Grafitec, 1998.

MAGALHÃES, Marisa Valle. **O Paraná e as migrações – 1940 a 1991**. Belo Horizonte, 1996. Dissertação (Mestrado), UFMG/CEDEPLAR.

MAGALHÃES, M. Valle. Guzmán, J. J. Beltran. **O Paraná e a versão do crescimento populacional:** o papel da migração. Anais do IV Encontro de Estudos Populacionais. Águas de São Pedro, 1984, v.4, p. 1989-2016. Disponível em <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1984/T84V04A07.pdf>> Acesso em 24 jan 2006.

MARTINE, George. **A redistribuição espacial da população brasileira durante a década de 80**. Janeiro de 1994. Texto para Discussão.

MONDARDO, Marcos L. **As migrações e as transformações territoriais na comunidade Barra do Rio Tuna**. Francisco Beltrão, 2005. (PR). Monografia (Bacharelado em Geografia), UNIOESTE.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do Poder**. Tradução, Maria Cecília França. Ed. Ática. São Paulo, 1993.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SOUZA, Itamar de. **Migrações internas no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, Petrópolis, 1980.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Paraná, sudoeste: ocupação e colonização**. 2ª ed. Editora Vicentina. Curitiba, 1987.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba: Vicentina, 1988.